

23 SET 1994

Galeio da decisão

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

Com o desconto da margem técnica de erro das pesquisas, a campanha escorrega para a reta dos últimos dez dias com a grande dúvida pendurada na indefinição: ninguém tem condições de afirmar com sensata segurança se Fernando Henrique Cardoso será eleito no primeiro turno ou se teremos a segunda rodada de urna no mano a mano com Lula.

Jogando-se com a média dos últimos índices, a diferença que situa Fernando Henrique acima da maioria absoluta é escassa e pouco confiável. Até que a vantagem de 5% a 6%, reduzida a votos, alcança respeitável total de quatro e meio a cinco e meio milhões — em números redondos, como se recomenda. Parece muito voto. Mas não basta para escorar previsão.

Pois se as pesquisas são indispensável instrumento de acompanhamento das tendências do eleitorado, não podem ser lidas ao pé da letra. Mais esclarecedor do que os percentuais, é seguir os passos da dança dos números com olho vivo para identificar a linha das inclinações continuadas, indicando a coerência das intenções de voto.

Ora, há três ou quatro fornadas de pesquisa em que FHC plana nas alturas, acima dos 40%, com discreta e nem por isso menos preocupante queda de um ponto a cada uma ou duas semanas.

Os sustos tucanos que engasgam o otimismo do já-ganhou não excitam onda de pânico porque Lula apenas reduziu o ritmo de queda. Está escorregando devagar, quase parando, mas não reverteu a tendência para a arrancada tradicional da bulhenta militância petista. Aliás, o PT está irreconhecível: todos os dias se anuncia a explosão das ruas, adiada com desculpas e renovadas promessas de vigorosa reação.

Se FHC não inchar mais alguns pontinhos nem Lula sair do empacamento dos 20% — e como parece absolutamente improvável que os outros candidatos deem o ar de sua graça —, o feixe contraditório amarra final insólito de campanha engessada, no qual nada acontece.

No ineditismo da confirmação da paralisia dos favoritos, a emoção seria transferida para a apuração, na gíria dos resultados dos primeiros dias, com probabilíssima definição por diferença mínima.

As aparências costumam enganar os desatentos. O equilíbrio da antevespera talvez dissimule a virada decisiva da undécima hora. E não é necessário nada de sensacional. Basta um galeio na boca da urna para que Fernando Henrique liquide a fatura ou Lula celebre a proeza de safar-se das aperturas, garantindo o segundo turno.

Convém apurar a sintonia para perceber para que lado soprará a aragem na fila do voto. Ela deslindará o nó cego do primeiro turno.

Apesar da baixa voltagem da campanha — a

menos intensa e apaixonante das últimas décadas —, do repulsivo festival de baixaria das denúncias e das manobras da chicanagem, tentando transferir a decisão da urna para o tapetão dos recursos à Justiça, algumas reviravoltas sacudiram a monotonia dos longos períodos de estagnação. Afinal, em quatro meses virou tudo de pernas para o ar, na fulminante cambalhota das pesquisas.

Como recorda o ex-governador Antonio Carlos Magalhães, o candidato Fernando Henrique Cardoso começou mal, sem convicção e jogando abertamente para classificar-se para o segundo turno na poeira de Lula, então firme na liderança, saboreando favoritismo absoluto, sem competidor à vista.

As coisas mudam do refresco para a caninha com o real, de aceitação instantânea pela população. É o êxito do real que alça a popularidade do presidente Itamar Franco do buraco da desaprovação para as alturas tonteantes e impensáveis dos 82%, puxando no mesmo arrastão a candidatura do ministro da Fazenda do real. Não se tapa a evidência com a peneira esburacada da desconversa. Discussão inútil: nada altera o consumado.

Quando fogem os votos, com eles se escafede a sensatez. Certamente que Lula, atirado para cá e para lá como peteca dos radicais da sua assessoria ensandecida, cometeu erros primários em seriado suicida. A tal ponto que embaçou sua imagem no desfoque da justaposição embirutada dos discursos conflitantes, no troça-troça de estilos de postura e de indumentária. Enforcou o grosso pescoço em gravatas desajeitadas, folgou o gogó em mangas de camisa, vestiu e despiu paletó com a mesma ligeireza que alternava a carranca do mau humor com o forçado sorriso de encomenda. Na hora das justificativas, Lula e o PT podem alegar que não era fácil trocar os sinais da campanha, regulando-a pela aprovação popular do real.

No acidente do real e na lentidão em absorver a perceptível mudança no comportamento do eleitorado, Lula caiu da liderança, embalada pela ilusão de eleger-se no primeiro turno, para a aflitiva torcida pela classificação para o segundo turno.

Inverteram-se posições no piscar de olhos de meia dúzia de pesquisas que confirmaram o cruzamento fatal das tendências: Lula em queda, Fernando Henrique Cardoso disparando para índices acima de maioria absoluta.

Bombardeado por chorrilho de denúncias e crises, o eleitorado como que pediu tempo para arrumar a cabeça.

A exatos dez dias da eleição e de mais cinco programas de propaganda, a eleição preserva o interesse da última indefinição: ninguém pode jurar se haverá ou não segundo turno. Quem apertar o passo leva.

* Repórter político do JORNAL DO BRASIL

**Atirado como
peteca por
radicais,
Lula cometeu
série suicida
de erros
primários.**